

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 13 | Nº 37 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7811322>



COMO PAULO FREIRE (ME) AJUDA A TRABALHAR NO OFÍCIO DE PROFESSOR FORMADOR

Ivan Fortunato¹

Resumo

Este texto, escrito na forma de um ensaio, busca tecer junto a Formação de Professores e Paulo Freire e Experiência a partir do cotidiano vivido como professor formador de professores. Apresenta-se em três seções, sendo uma voltada à experiência como constructo epistemológico do qual se apresenta uma experiência vivida como professor formador a ser investigada. Outra para análise dos efeitos dessa experiência e a terceira para discutir como essa experiência se insere na formação de professores como prática, como campo de pesquisa e como política, incluindo um retorno a Paulo Freire, que jamais deixou de esperar por outra educação, logo, outro mundo.

Palavras Chave: Educação; Experiência; Formação de Professores.

Abstract

This text, written in the form of an essay, seeks to weave together Teacher Education and Paulo Freire and Experience from the daily life as a teacher's trainer. It is presented in three sections, one of which is focused on experience as an epistemological construct presenting an experience lived as a teacher's trainer to be investigated. Another is focused in analyzing the effects of this experience and the third to discuss how this experience fits into teacher education as a practice, as a field of research and as public policy, including a return to Paulo Freire, who never stopped hoping for another education, therefore, another world.

Keywords: Education; Experience; Teacher Education.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA FREIRIANA: ESCOLHO EXPERIÊNCIA

O que é a experiência? De que falamos? Formar quem? Qual é a pessoa que vislumbramos, quando dizemos que a experiência forma? Formar a pessoa que faz experiência ou formar aqueles que não têm essa experiência? E formar para fazer o que? (SCHWARTZ, 2010, p. 36)

Este é um texto escrito na forma de um ensaio sobre Formação de Professores e Paulo Freire e Experiência a partir, justamente, do cotidiano vivido como professor formador de professores. Aliás, é também um escrito pós-período de ensino emergencial remoto de dois anos, ocasionado pela pandemia da Covid-19, pois foi quando (re)descobri Paulo Freire e sua esperança de um outro mundo possível, balizado pela educação.

Assim, tratar de Formação de Professores, embora um campo em disputas epistemológicas, teóricas e políticas, é minuciar, analisar e discutir meu próprio ofício como práxis. Em outras palavras, é um exercício (auto)avaliativo, portanto, (auto)formativo.

¹ Professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Doutor em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ivanfrt@yahoo.com.br



Tratar de Paulo Freire, reconhecido por decreto como patrono da Educação Brasileira, é voltar o olhar para educação como mediação, diálogo, transformação, utopia e esperança. Ou seja, é cogitar outra educação muito diferente do secular modelo bancário de transmissão/recepção de saberes e competências (muitas vezes) alheias ao contexto vivido.

Mas, o que significa e o que implica tratar da experiência? Mesmo que a experiência seja compreendida conforme Larossa (2002, p. 21), como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, muitas perguntas podem ser somadas às diversas já arroladas na epígrafe: qual a importância de se escrever sobre experiência?; o que se pode aprender com experiências?; a quem interessa minhas experiências?

Nesse sentido, para poder alcançar o objetivo proposto de tecer junto o campo da formação docente, com os ensinamentos de Paulo Freire e com a reflexão/inflexão da experiência, o ensaio se apresenta em três seções. Primeiro, delinea-se *experiência* como constructo epistemológico do qual se apresenta uma experiência vivida como professor formador a ser investigada. Na sequência, os efeitos residuais da experiência apresentada são colocados em evidência para análise. Por fim, há uma discussão sobre como essa experiência se insere (interfere, incomoda, catuca) na formação de professores como prática, como campo de pesquisa e como política, incluindo um retorno a Paulo Freire, que jamais deixou de esperar por outra educação, logo, outro mundo.

E é com sua esperança que se espera que este escrito alcance seu propósito de prestar tributo ao educador. Trata-se de homenageá-lo evidenciando que seu legado segue ecoando por aí, promovendo práticas educativas e formativas outras como resistência ao modelo de mundo das competências, desigualdades e opressões.

COMO A EXPERIÊNCIA PODE SER FORMATIVA

É preciso, então, distinguir a experiência do trabalho e o trabalho como experiência. Na experiência, pode haver rotinas e, se não dizemos mais, a experiência pode ser um obstáculo à ampliação ou ao enriquecimento. Com efeito, não é por que ficamos muito tempo em uma mesma situação de trabalho, que capitalizamos fortemente algo e a simples duração não produz como tal algo positivo (SCHWARTZ, 2010, p. 44)

Embora não seja a experiência que almejo elucidar aqui neste escrito, retorno, a partir da epígrafe, a um curso de formação que ministrava, anos atrás, para supervisores de ensino e diretores de escola (incluem-se, obviamente, supervisoras e diretoras e, não tendo nosso idioma ainda resolvido o impasse da escrita patriarcal, utilizo o masculino sem perder de vista que se trata de um problema). Nesse curso, cujo objetivo era apresentar uma ideia sobre outra educação pautada em princípios



autoformativos, em dado momento um veterano diretor de escola nos brinda com excelente reflexão: não é porque determinado docente leciona há 20 anos que tem 20 anos de experiência, pois, se durante todo esse tempo nada fez diferente, acumula apenas um ano de experiência.

Essa lição do diretor deixa evidente a distinção entre a experiência do trabalho e o trabalho como experiência, como proposto por Schwartz (2010). A experiência do trabalho é a mera repetição, dia após dia, tratando o labor como obrigação ao invés de tratá-lo como a vida em si. Já o trabalho como experiência é justamente o que nos passa, o que nos acontece, o que semeamos como colheita do que fazemos, aprendendo com o que fazemos não de forma rotineira e repetitiva, mas de forma consciente e até mesmo experimental.

Cabe cá uma tentativa de definição para além da já delineada por Larossa (2002) de que experiência seria o que nos passa, acontece e toca. Aliás, essa caracterização bastante telegráfica nos leva ao adjetivo de *ardilosa* dado por Bérubé (2005), sugerindo que à palavra podem se dar vários significados, tornando-se sedutora. É como se seu uso fosse o suficiente para explicar algo, sendo associada a uma espécie de fiança da verdade verdadeira, pois, ao se testemunhar empiricamente algo, se torna conhecedor da autenticidade do fato. Segundo o autor, isso faz da experiência uma palavra que se usa quando se quer dizer algo do tipo: eu sei porque estava lá, configurando mais autoridade do que qualquer outro tipo de saber.

Essa é uma face deletéria da experiência, pois pode dar a impressão de que a rotina e a repetição são soberanas à reflexão, à inflexão, ao diálogo, à leitura... enfim, é como se na velha-porém-persistente dicotomia entre teoria e prática prevalecesse apenas a prática. Reconhecer, portanto, que a experiência *não* é a única nem a melhor forma de saber as coisas é um ponto essencial para sua definição.

Por outro lado, já foi afirmado que “a experiência é um dos mais importantes – muitas vezes, o único – meios de se colocar a educação em evidência para, portanto, pensar sobre, na, com e para a própria educação, com o intuito de renová-la” (FORTUNATO, 2018, p. 37). Isso quer dizer que, conquanto a experiência não é a única forma de saber, ela é também indispensável para que se construam saberes e possibilite transformar as coisas.

Eis, então, uma definição de experiência que pode ajudar a (re)pensar a educação de forma ampla, seja como política pública ou como prática de escola: a experiência é uma circunstância complexa, vivida empiricamente e significativa o suficiente para mobilizar sua reflexão, tornando-se potencialmente transformadora.

Já tendo delongado demais nessa necessária procura por uma (plausível) definição da experiência, desmistificando seu aspecto ardiloso e exaltando suas características formativas, é hora de partilhar uma experiência vivida por ensejo do ofício cotidiano de professor em cursos de licenciatura.



Trata-se de uma experiência que emerge de uma única frase dita em sala por um estudante, que marca todo o início de um retorno à pedagogia freiriana. Esse retorno, por sua vez, mobilizou a transformação de minha própria docência, gerando o anseio não apenas por outra educação (como amiúde tenho dito), mas por uma outra educação balizada pela esperança, pela utopia e pelo amor; predicados inerentes ao trabalho educativo do patrono da educação brasileira.

Pois bem, estávamos em uma sala de aula comum, em uma quinta-feira do mês de março de 2022, perto da marca dos dois anos em que se decretou a necessidade de isolamento social em decorrência da Covid-19. Não quero cá voltar à pandemia e seus efeitos negativos na vida humana, incluindo a ausência de aprendizados possíveis sobre a própria vida planetária; no entanto, mencioná-la se faz necessário para contextualizar a experiência em questão: era momento de retorno ao universo presencial das salas de aula, de contato humano ao vivo ao invés do mediado pelas telas, da espontaneidade de estarmos juntos e suas potencialidades criativas, formativas etc. Nesse modelo de mundo, já não é possível colocar o outro no modo “mudo” quando sua expressão é contrária à minha: é preciso encarar as diferenças. Embora aprender com o outro implique justamente reconhecer o que é diferente, esse aprendizado é muitas vezes negado por preconceito, crenças ou mesmo ego.

Nesse momento de retornar ao vivo, dentre as discussões ocasionadas justamente pela polaridade presencial-remota, balizando o diálogo por palavras-chave como esperança e receio, eis que uma estudante usa uma das célebres frases de Paulo Freire em sua fala. O nome do educador foi o suficiente para que outro estudante replicasse a fala com “odeio Paulo Freire” – só isso, sem sequer continuar seu pensamento, apenas assegurando seu ódio pela pessoa.

Com obviedade, tal declaração explícita de aversão, antipatia e raiva direcionada à pessoa de Paulo Freire causou certa comoção entre os pares, o que levou a perguntas provocativas do tipo ‘o que você conhece sobre Paulo Freire que faz com que o odeie?’. Basicamente, a resposta foi circular, do tipo ‘não gosto porque não gosto’. Da minha parte, apenas calei, pois é sabido que essa raiva é sentida por vários seguidores das palavras de Olavo de Carvalho (2013) creditando todos os problemas de ensino, aprendizado e da escola pública ao método Paulo Freire – e nem vale à pena adentrar nessa seara, pois até mesmo o uso do termo *método* é controverso na pedagogia freiriana, sendo atribuído esse termo de forma redutora ao seu trabalho educativo.

Além disso, já tendo passado vários meses do ocorrido, posso listar outros dois motivos para o meu silêncio: não se educa por meio de debates ancorados em crenças já cristalizadas (talvez se eduque por meio de ações que sejam coerentes com o que se diz, mas isso é uma suposição); e, mais importante, à época tinha pouco conhecimento da vida e obra de Paulo Freire, tendo capacidade de levantar apenas alguns ralos argumentos lastreados por admiração e reverência.



Assim, aguardei o momento de alvoroço extinguir-se para retomar o percurso do diálogo com os estudantes, sugerindo, logo em seguida, um pequeno intervalo como estratégia para dissipar a energia de confronto que havia sido criada por ocasião do depoimento de ódio.

Não obstante, algumas dúvidas foram germinando da situação. De imediato, fiquei intrigado com a facilidade de se declarar ódio a outra pessoa, ficando mais cismado ainda pelo ódio ser direcionado a uma pessoa que se dedicou à humanidade, buscando meios de libertar uns aos outros da própria tirania do sistema econômico, o qual se tornou mais importante que a vida em si. Além disso, fiquei tentado a conhecer mais e melhor sobre o educador em destaque: Quais são suas ideias sobre educação? Quais os conceitos fundantes de sua pedagogia? Qual sua trajetória?... enfim, quem é Paulo Freire, que fez sua travessia em 1997, após décadas de errâncias educativas pelo Brasil e pelo mundo, e se tornou patrono da educação nacional no ano de 2012?

Ao balizar perguntas que demandam esforço investigativo e analítico, temos uma experiência provocando certa insegurança com relação ao conhecimento, logo, operando como potente elemento formativo. Assim, esse momento curto ocorrido em uma aula corriqueira, desencadeado por uma frase de apenas três palavras (“odeio Paulo Freire”), pode ser qualificado como uma experiência. Dessa forma, o escrito segue com seus desdobramentos e possíveis reflexos na (minha própria) docência.

PAULO FREIRE DA EXPERIÊNCIA DE ÓDIO À UTOPIA DO AMOR

Por que dedicar tanta energia escrevendo e falando sobre Paulo Freire? O que há de tão importante na sua história de vida que faz com que seu legado seja tão notório? Por que é nosso dever homenageá-lo? [...] Nosso reconhecimento toca diretamente naquilo que lhe rendeu a alcunha de “Andarilho da Utopia”, pois, não importa onde estivesse ou aonde fosse, carregava consigo a esperança de poder transformar as mais distintas realidades, vividas em lugares melhores – sempre por meio da educação! (PORTO; FORTUNATO, 2022, p. 211)

A citação escolhida para epígrafe desta seção contém parte das perguntas que emergiram após a declaração de ódio a Paulo Freire, assim como revela quinhão fundamental de sua vida, que o levou a ser amado por muitos, mas também odiado por outros muitos. Claro que, de imediato, ao notar que o educador foi apelidado de Andarilho da Utopia, parece improvável que isso possa ser gerador de ódio. Mas, ao caminhar pelos lugares levando esperança de um mundo melhor por meio de uma educação crítica, inclusiva e libertadora, Paulo Freire despertava o lado pior daquilo que Adela Cortina (2020) nomeou como *aporofobia*, que é a aversão ao pobre. A respeito desse conceito, Souza (2020), ao prefaciá-lo livro de Adela Cortina, anotou o seguinte:



Vivemos num mundo que produz cada vez mais pobres em uma velocidade inaudita. O tipo de pobre que preocupa Adela é o pobre sem vínculos com a sociedade, o excluído, o “sem-lugar”, aquele que não tem nada a oferecer na sociedade de troca em que vivemos. O pobre excluído e marginalizado que é tornado invisível e estigmatizado pelos outros (SOUZA, 2020, p. 10).

Pois também a Paulo Freire preocupava as pessoas pobres, excluídas, marginalizadas, deixadas invisíveis pela sociedade. Educar seria um meio fundamental de incluir essas pessoas no mundo; daí a utopia. E mesmo não sendo uma forma imediata de verter a pobreza e a miséria em fartura, seria o caminho paulatino de transformação da sociedade; daí a esperança.

Mesmo Paulo Freire tendo falecido no ano de 1997, ele ainda existe em todas as pessoas que não abrem mão de seu legado maior, que é justamente essa peregrinação com destino a outro mundo. Que outro mundo seria esse? Algo bem diferente do que temos atualmente, no qual poucas pessoas desfrutam de bem-estar, conforto e se dão ao luxo de ter muito mais do que precisam para viver, ao passo em que tantas outras perecem por falta das coisas mais elementares, como água, alimentação e liberdade.

Não obstante, décadas depois da passagem de Paulo Freire, o que temos é apenas uma ampliação do número de pobres pelo mundo. Dos oprimidos, como diria o educador, ao se referir a todas as pessoas que têm negado seu direito de viver com dignidade. Pior, pessoas que são largadas à própria sorte, sobrevivendo (quando sobrevivem) pelas migalhas que restam da vontade de viver, sofrendo com os mais diversos ódios: a misoginia, a xenofobia, o racismo, a homofobia, a aporofobia... isso quando tais ódios não se misturam e se juntam na promoção de genocídios.

Pois é: compreender o ódio a Paulo Freire é simples na superfície, pois tem a ver com esse ódio que emana de quem odeia o outro. Por outro lado, compreender a genealogia desse ódio é assustadoramente complexo, implicando um retorno à parte da natureza humana que vem ditando as regras da cultura, da sociedade e da economia que controla a tudo e a todos.

Paulo Freire (1987) conseguiu compreender como funciona essa relação, ao verificar as contradições do sistema que opera visando manter viva a equação opressor-oprimido. Sendo assim, tudo se volta para manutenção do *status quo*, até mesmo quando se diz o contrário. Inclusive, o educador percebeu que quem se vê oprimido tem o desejo de mudar de lado, tornando-se opressor. Mesmo que isso seja algo inconsciente, o que se observa é que as relações humanas são orientadas de forma a não se romper com o ciclo de opressão; pelo contrário, pois essa busca pela mudança de oprimido para opressor fortalece o sistema.

Ao reconhecer esse mecanismo de autossustentação do sistema, Paulo Freire (1987) identifica meios rompedores pela educação. É o que ele vai nomear como prática de liberdade, caminho pelo qual as pessoas se reconhecem como sujeitos da história, responsáveis pela sua própria humanidade e dos outros. Segundo Resende e Melo (2020):



O pensamento freiriano recai sobre uma pedagogia do “oprimido” como categoria política, onde o fazer educativo acaba por priorizar as necessidades e interesses de uma maioria gerando uma situação de opressão sócio-política, na luta por construir algo contrário, Freire propõe o que seria a pedagogia da libertação (RESENDE; MELO, 2020, p. 22).

Na célebre obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) nos brinda com uma educação que se forja com as pessoas e não para as pessoas, revelando que a educação é um ato político de mediação e não de imposição. Por isso afirmou que essa pedagogia não pode ser elaborada pelos opressores que desejam manter a ordem das coisas, por mais desumanas que sejam. A pedagogia do oprimido não é uma pedagogia para o oprimido, pois emerge da descoberta de si como sujeito no mundo que vive para ser, mas não para oprimir.

Paulo Freire, como afirmaram Bernardino *et al.* (2021, p. 98), “socializa propostas revolucionárias pautadas na articulação efetiva entre teoria e prática, através de um novo jeito de se fazer educação, pensando na emancipação do sujeito e na construção coletiva da práxis”.

Assim, vai ficando mais claro que Paulo Freire é mesmo para ser odiado, pois, provoca instabilidade ao modo de vida construído pelas pessoas. Mesmo que seja um sistema circular, no qual poucos controlam a vida de muitos, inclusive cerceando direitos elementares, faz-se de tudo para mantê-lo. Até mesmo nossa praga mais recente, a pandemia da covid-19, não foi suficiente para que se pensasse em outro projeto de humanidade; foi necessário seguir as coisas como sempre foram, sem vontade nem coragem de se desafiar o baluarte do *status quo* (FORTUNATO, 2021).

Curioso é que essas descobertas a respeito de Paulo Freire somente foram possíveis a partir da experiência de sala aula, na qual alguém decidiu declarar publicamente ódio à sua pessoa. Isso mesmo: ódio à pessoa. Não foi demonstrado, no decorrer da experiência, que o ódio estava sendo projetado às suas ideias de transformar o mundo pelo rompimento do ciclo desastroso de opressão.

Esse ódio direcionado ao ser humano, aliás, a um ser humano que buscava libertar as pessoas do próprio sistema que gera ódio, é basilar evidência de como funciona a aparofobia, a xenofobia, a homofobia, a misoginia... enfim, todos os qualitativos que promovem, basicamente, aversão à própria humanidade.

Claro que o fato de compreender é insuficiente para promover transformações, a exemplo da vida de lutas em prol de um mundo melhor à vida planetária de Paulo Freire. Mesmo exilado do país por causa de suas andanças educativas, promovendo o pensamento crítico pelos lugares passava, jamais se furtou de fazer o que acreditava. Mas, ao final de sua vida, ainda pode testemunhar o que foi declarado como *brincadeira de matar*, quando jovens mais abastados atearam fogo em Galdino Jesus dos Santos, líder indígena que dormia em um ponto de ônibus em Brasília, aguardando pelo transporte que o levaria de volta à sua casa, após participar das atividades do dia do índio na capital do país. Os criminosos



alegaram que confundiram o indígena com um mendigo e que apenas queriam lhe dar um susto: cobrindo seu corpo com combustível e atendo fogo. Brincando de matar, deram fim à vida de Galdino (FORTUNATO, 2023).

Indignado com a postura de matar qualificada como brincadeira, Paulo Freire (2000, p. 31) registrou então uma de suas frases mais conhecidas: “Se a educação sozinha não transforma a realidade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Era um reconhecimento de que somente educar é algo vazio, pois requer que o ciclo opressor seja rompido. Não obstante, sem a educação, não há meios de se trazer à tona a compreensão de que o projeto de humanidade tem sido construído sobre sólidas bases de ódio à própria humanidade e à vida em si. É como se viver não fosse importante, pois seria prioridade, como já foi denunciado por Chomsky (2002), o lucro ao invés das pessoas.

Dessa forma, Paulo Freire encerra sua passagem pelo nosso planeta com o sentimento de indignação por ter testemunhado tão estúpida “brincadeira”, além de ser odiado de forma gratuita por tanta gente (que, por outro lado, não parecem detestar quem brinca de matar). Não obstante, há grande parcela de pessoas que optam pela indignação sobre o ódio, perseguindo utopias em seus quefazeres cotidianos. Particularmente, também aprendi a partir da experiência do ódio a Paulo Freire a almejar outro mundo, em que as brincadeiras sejam de brincar, não de matar.

Assim, um momento curto, do tempo de uma frase de apenas três palavras dita em voz alta, em uma sala de aula da licenciatura, tornou-se experiência incubadora para uma outra compreensão do ofício de professor formador de professores, consequentemente de uma compreensão outra da própria da docência, da escola como instituição formadora e da própria lógica da sociedade, que regula tudo isso.

Daí o que amiúde venho repetindo: se queremos romper o *status quo* precisamos, constantemente, voltar a Paulo Freire.

O QUE QUER DIZER VOLTAR A PAULO FREIRE PARA FORMAR PROFESSORES?

Recusava, por isso mesmo, uma forma de trabalho em que fossem reservados os primeiros momentos do curso para exposições ditas teóricas sobre matéria fundamental de formação dos futuros educadores e educadoras. Momento para discursos de algumas pessoas, as consideradas mais capazes para falar aos outros. Minha convicção era outra (FREIRE, 2001, p. 263).

Ao voltar a Paulo Freire, tentando saber mais sobre porque se pode odiá-lo ou amá-lo, encontrei uma de suas cartas endereçadas a professores (e professoras, claro!), almejando engajar o coletivo na construção de escolas democráticas, do povo para o povo, trabalhando pela libertação (do ciclo opressor). Nessa carta, o trecho reproduzido na epígrafe foi o que mais me cativou, por três motivos: primeiro, porque o educador escreveu exatamente o que penso e como (acredito que) tenho conduzido



meu ofício ao longo do último lustro. Segundo, porque o registro foi feito de uma maneira que eu não conseguiria fazê-lo. Terceiro, e mais importante, o que foi apontado na citação é uma forma de trabalho educativo, de *dar* um curso, muito diferente da habitual fórmula tradicional, secular, bancária.

Essa fórmula tradicional, sendo a temos e que tem regido praticamente todos os processos de educação formal, seguem o rito exposto: fala-se a respeito de algum assunto (supostamente) importante para a vida dos ouvintes com (certa/presunçosa) autoridade para, então, os ouvintes responderem verbalmente e/ou por escrito, os aprendizados que lhes foram depositados. Mas, para Paulo Freire, o rito deveria ser outro, menos mecanizado, menos pautado em capacidade de se ensinar para o outro, mas balizado pelo diálogo. Como afirmou Santos (2022), ao tratar sobre formação de professores e o conceito de diálogo freiriano:

A educação não existe sem a prática do diálogo. É através do diálogo que se acontece a abertura ao novo. É por meio do diálogo que se estabelece o encontro, e é no encontro que se faz a educação sendo, um ato recíproco e intersubjetivo (SANTOS, 2022, p. 48).

Emerge daí outra premissa proposta por Paulo Freire: a tese de que quem ensina também aprende. Mas, não é o bastante reconhecer que quem ensina também aprende, sendo necessário adentrar o que essa constatação cria na superfície: a ideia de que se aprende ao se ensinar porque é preciso se preparar para *passar a matéria*. Se, de um lado, Paulo Freire não é consenso entre os colegas professores, do outro, essa coisa de que é preciso *dominar* o currículo em minúcias já é algo quase que uníssono – mesmo que esse (suposto) domínio advenha de algumas horas de memorização anterior ao momento de repassar/transmitir/depositar determinados saberes. Assim, o entendimento praticamente geral é que a frase “quem ensina também aprende” está diretamente relacionada a essa fixação prévia do currículo, antes de ser entregue aos estudantes. Eis, então, o que fica na superfície.

Ao cavoucar o sentido duplo de ensinar-aprender, verificamos que o sentido dado pelo educador é outro, o da mediação, o de efetivamente aprender coisas outras com as pessoas a quem se ensina: aprende-se modos distintos de perceber e de apropriar de um mesmo conceito. Aprende-se usos outros para uma mesma elaboração teórica. Aprende-se outras práticas, outras técnicas, outros modos de ser e de se viver no mundo.

Para Paulo Freire (2001), isso não quer dizer abrir mão do que se pode ensinar, pelo contrário, implica problematizar e dar significado ao que se ensina para cada pessoa que aprende. Daí uma pequena diferença naquilo que acredito como professor: não é necessário ser um mestre no assunto que se ensina, desde que se ame ensinar e aprender. Essa crença está lastreada na proposta ousada de Rubem Alves (1994) pautada em “ensinar o que não se sabe”, assim como também está fundamentada na



constatação de que Alexander Neill (1978) de que somos pretensiosos demais ao acreditar que temos condições de ensinar aos outros sobre a vida. Afinal, para esse autor, o mundo que temos é análogo a um grande cortiço, com falta de condições básicas de vida e de dignidade a grande parte de sua própria população.

Tendo discordado um pouco (bem pouco) do posicionamento do educador, podemos retomar a epígrafe e, com ela, investigar o que ele chamou de convicção outra. Para compreender essa convicção, é preciso se empenhar em compreender sua visão de mundo que o direcionava a outra forma de vislumbrar a educação como uma tarefa política, crítica, de esperança, sonhos e utopia. Inclusive, chegou a afirmar: “Não sou esperançoso por pura teimosia mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 1992, p. 5).

Sua esperança, reconhece, é insuficiente para romper o ciclo de opressão e transformar a sociedade. Aliás, afirma que seria ingenuidade demais ter o poder de mudar o mundo apenas com a esperança de dias melhores. Não obstante, a esperança é necessária, assim como a educação é necessária, mesmo que ambas não sejam capazes de promover transformações necessárias para o fim da opressão, da aporofobia, da misoginia, da fome, da miséria, da desigualdade gigantesca entre os poucos que muito têm e os muitos que nada têm. Por isso, não disposto a ceder à ingenuidade de que basta esperar para alcançar tão almejada utopia, Paulo Freire (1992, p. 6) também nos fala sobre a necessidade de não ceder à desesperança: “sem o mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate”.

E posso dizer que começar o embate é algo espinhoso, portanto, doloroso. Isso porque não é fácil perceber especificamente contra o que se opõe, dada a complexidade das coisas do mundo. Paulo Freire (1992) nos fala de consciência de classe, sem a qual não se consegue nem pensar que o fosso entre burguesia e operário é ocasionador de desigualdades. Esse é um ponto nevrálgico da sociedade capitalista industrial que caminhou a passos largos ao modelo neoliberal de cada um por si e empreendedorismo a todos.

Contudo, a consciência de classe não é a única conscientização que pode servir de mobilização para o embate. Há muitas outras, formando uma malha tão complexa que, muitas vezes, não é possível identificar onde as tramas começam nem onde os nós se desatam. Para Paulo Freire, essa coisa complexa, intrincada, difícil, não deve ser suficiente para desesperançar; pelo contrário, pois ceder à desesperança é coadunar com o *status quo*, sendo também cúmplice de tudo o que promove, incluindo a injustiça, a inequidade, a opressão, o ódio...

Mas, o que toda essa coisa de conscientização, esperança, desesperança e ódio tem a ver com o ofício de professor formador, com a formação docente e com a escola?



Bem, a primeira coisa a se destacar é a de que a educação não é um elemento neutro, sendo sempre e inevitavelmente política. Mesmo a educação reduzida aos momentos de sala de aula em que há o repasse do currículo oficial de um professor para seus estudantes é política. Aliás, essa forma de educação é declaradamente política, pois, embora seja silenciosa e acrítica, está a serviço da manutenção do *status quo*. Paulo Freire (1992, p. 5) registrou essa questão ao explicar porque muitas pessoas (colegas de profissão, políticos, jornalistas etc.) aqui do Brasil e da América Latina não o reconheciam como o educador: “ao negarem a mim a condição de educador, por ser demasiado político, eram tão políticos quanto eu. Certamente, contudo, numa posição contrária à minha. Neutros é que nem eram nem poderiam ser”.

Assim, seja ao se posicionar contra ou a favor Paulo Freire, ou mesmo ao se abster de refletir sobre o assunto (pois aqui cabe a máxima *quem cala, consente*), assumimos nossa posição política como docentes. Acredito na posição progressista que Paulo Freire tomou para si quando tomou consciência de classe, quando percebeu que o mundo em que vivemos tem uma postura categoricamente favorável em relação ao ciclo da opressão: indignou-se, conscientizou-se e partiu em busca da utopia, sempre esperançoso de que a transformação seria possível.

Não obstante, apesar do posicionamento político ser algo fundamental à educação, portanto à docência e ao ofício de professor formador, tal posicionamento é insuficiente. Eis o que foi registrado a respeito:

Reconhecer que o sistema atual não inclui a todos, não basta. É necessário precisamente por causa deste reconhecimento lutar contra ele e não assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema e de acordo com a qual “nada há que fazer, a realidade é assim mesmo” (FREIRE, 2000, p. 125).

Paulo Freire viveu essa insuficiência ao ser exilado, ao ser rejeitado como educador, ao testemunhar a brincadeira de matar. Mesmo assim, optou por ser resistência, declinando a posição fatalista que amiúde nos faz desistir de esperar. Ao assumir-se como resistência, Paulo Freire nos revela que além de se declarar politicamente progressista, é necessário posicionar-se contra o *status quo* nas ações que se desenvolve como educador. Caso assim não seja, o que se assume é uma posição hipócrita na qual se discursa uma coisa, mas se faz justamente o contrário. E, não raro, as próprias ideias de Paulo Freire são utilizadas para sustentar tal hipocrisia, criando belos discursos pedagógicos, mas fazendo de tudo para que a prática educativa seja severamente voltada à prática bancária que mantém e fortalece a manutenção das coisas como estão (RODRIGUEZ; FORTUNATO, 2022).

Como professor formador de professores, ao assumir a posição progressista e de resistência, além de escrever e falar sobre Paulo Freire e esse embate contrário ao que está posto, tenho buscado o



que se pode chamar de outra educação. Essa outra educação dialoga diretamente com a convicção expressa na epígrafe: não se trata de falar para os outros o que (supostamente) se é mais capacitado para falar. Não se trata de depositar envelopes de (supostos) saberes. Não se trata de preparar as pessoas para os exames que terão que enfrentar no futuro, mostrando-se superiores aos demais.

Minha convicção é a de que a educação tem o papel fundamental de nos tornar melhores como pessoas, como seres que coabitam o planeta com outras pessoas e muitas outras espécies e formas de vida. E acredito, plenamente, que não é possível fazer isso com uma educação que vem pronta e acabada, de fora, gerada e gerenciada dentro do mesmo modelo de mundo ao qual se quer resistir. A educação é aquela forjada no diálogo, na conscientização, na mediação entre quem educa e quem é educado, produzindo saberes novos nesse encontro entre diferentes.

Na prática cotidiana, a presença de Paulo Freire é nítida nos diálogos promovidos, de forma franca e aberta, sobre essas questões da vida, da sociedade, do modelo econômico que nos empurra, cada vez mais, a um empreendedorismo que falseia a verdade: estamos largados à sorte e é cada um por si. Além disso, a resistência é assinalada por atitudes corriqueiras, que podem até ser indiferentes à transformação, mas que se fazem presentes constantemente, como o fato de não assumir a posição de frente em uma sala de aula, ou de usar a mesa maior, destinada ao professor. Na sala de aula, somos todos seres humanos (des)esperançosos, mesmo que a instituição prepare seu mobiliário para manter essa distância entre quem ensina e quem aprende.

Além das ações cotidianas, é preciso assinalar os enfrentamentos às imposições pautadas na sistematização, no controle e na gestão baseada em procedimentos estéreis e estanques (a famigerada burocratização de tudo), cujo objetivo é a produção de relatórios quantitativos que falseiam realidades. Claro que tal enfrentamento é reiteradamente em vão: a burocracia é praticamente invencível e, quando se sente ameaçada, protege a si mesma criando novos e mais complicados procedimentos. Por isso, burocracia foi qualificada por Lefort (1979) como sórdida, parasitária, sem função real e, mesmo assim, venerada. Isso porque, explica o autor, o propósito da burocracia é “assegurar a estrutura estabelecida” (p. 149).

Um terceiro elemento cotidiano soma-se ao diálogo e à debalde resistência à burocracia: o rompimento com o currículo oficial, vindo de fora da sala de aula, surgido como um rol de saberes indispensáveis aos estudantes. Minha convicção outra é a de que nenhum currículo sabe o que é fundamental ser aprendido, pois o currículo além de inerte é indiferente à vida das pessoas colocadas em contato com ele, tendo que (ao menos temporariamente) dominá-lo, nem que seja pela metade.

Por isso, tenho apostado no que chamo de Didática Circunstancial (FORTUNATO, 2023), a qual não se trata de ensinar (depositar, diria Paulo Freire) qualquer coisa aos estudantes e esperar que



memorizem e se saiam bem nas avaliações; pelo contrário, trata de envolver todo mundo, professor inclusive, em diálogos sobre os saberes que se impõem pelo currículo em cada disciplina, permitindo e possibilitando que sejam analisados para, então, se decidir se são efetivamente importantes para as pessoas envolvidas no processo pedagógico, ou se diferentes saberes serão incluídos. Ao tomar a circunstancialidade como mediação, nenhuma aula passa a ser a mesma, nenhuma atividade educativa se torna a mesma e, pelo menos para o pequeno coletivo que se estabelece com alguns estudantes de licenciatura e seu professor formador, o contexto da educação se torna outro, diferente do habitual modelo bancário.

Claro que o rompimento com o *status quo* nas aulas não abala a manutenção das coisas. Não é possível ser pretensioso a ponto de acreditar que uma prática pedagógica dialogada, livre de opressão, crítica e inclusiva seja capaz de promover a liberdade do sistema; mas é um pequeno passo. Recusar esse passo é, como disse Freire em uma passagem já citada cá neste artigo: “assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema”. Minha convicção é outra.

Assim, voltar a Paulo Freire, buscando no seu legado, na sua trajetória, nos seus ensinamentos... é voltar-se a formas de conexão com a utopia de um mundo melhor. Utopia porque não se trata de enganar a si e aos outros de que a prática educativa pelo diálogo transforma o mundo. Por isso mesmo essa prática é também uma prática de esperança, pois, se a resistência desaparece por completo, também com ela se vão as possibilidades de mudanças. É preciso esperar:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia (FREIRE, 1992, p. 5).

Reconhecer que a esperança é necessária e insuficiente é fundamental para se decidir se o caminho escolhido para a docência é o da convicção já estabelecida, de se seguir depositando saberes arbitrários nos estudantes, ou se a convicção é outra: tomar a circunstancialidade de cada momento educativo como oportunidade de diálogo. Minha opção tem sido a de tentar seguir a inspiração de Paulo Freire.

AO FINAL, PAULO FREIRE COMO *INSPIRAÇÃO* PARA DOCÊNCIA

Se o sonho morreu e a utopia também, a prática educativa nada mais tem que ver com a denúncia da realidade malvada e o anúncio da realidade menos feia, mais humana. Cabe à educação como prática rigorosamente pragmática [...] treinar os educandos no uso de técnicas e princípios científicos. Treiná-los, nada mais. O pragmatismo neoliberal não tem nada que ver com formação (FREIRE, 2000, p. 56).



Este texto foi motivado por um anseio de escrever sobre como Paulo Freire tem sido basilar no meu cotidiano como professor formador de professores. Aliás, justamente por legitimar as vivências do dia a dia como fundamentais para se desenvolver o ofício docente é que pude aprender formas outras de diligenciar minha prática docente. Assim, uma frase de apenas três palavras proferidas em voz alta por um estudante em um determinado momento praticamente aleatório de uma, das tantas aulas de uma quinta-feira qualquer, foi forte o bastante para provocar toda inquietação partilhada neste manuscrito. Não obstante, é preciso deixar registrado que não cabe, no texto, tudo o que a experiência de ouvir “odeio Paulo Freire” possibilitou transformar, embora boa parte pode ser lida aqui.

E é justamente por isso que esta escrita foi ancorada na experiência, nesta particular experiência de, ao escutar alguém declarando ódio a outra pessoa, partir em busca de compreender o que pode levar à tal circunstância. Lamentavelmente, fui forçado a descobrir que o ódio tem sido preferido e que a vida mais humana é a que se qualifica como sonho e utopia. Mais ainda: que o embate contra o ódio é deveras complicado, porque está enraizado na vida planetária de formas tão complexas, que a única maneira de manter ativo o embate é esperando.

Essas têm sido lições fundamentais aprendidas com Paulo Freire. E da descoberta que ele pode ser odiado porque sonha com outro mundo, libertador, tenho permitido que minha prática pedagógica não apenas seja articulada a partir de diversas circunstâncias vividas, mas articulada *com* os estudantes e suas idiossincrasias. Além disso, e mais importante, visando aprendermos uns com os outros a observarmos criticamente nossa realidade circundante para, quem sabe, agirmos de forma transformadora.

Para isso, falamos sobre aquilo que está muito distante de nós, como o pragmatismo neoliberal, que rege não apenas o modo de produção, consumo e trabalho, mas toda a sociedade, incluindo a educação. Essa, porque também neoliberal, serve de treinamento para o pragmatismo, mantendo tudo como está. Tal manutenção, obviamente, inibe o anúncio de outra realidade, *menos feia e mais humana*, colaborando com a morte do sonho e da utopia.

Mas, também falamos de coisas prosaicas, como o leiaute milenar da sala de aula e o currículo pronto que nos é imposto. Isso não quer dizer que esses elementos são prontamente rejeitados das aulas, pelo contrário, são trazidos às nossas conversas de maneira sempre aberta e franca. Amiúde, como consequência dessa prática dialogada, o tradicionalismo é preterido com seu pragmatismo, ao ser percebido que não se inscreve no cotidiano almejado por nós – estudantes e professores que circunstancialmente se encontram em diversas disciplinas das licenciaturas ofertadas presencialmente pela instituição.



Ao final, para concluir este ensaio, é preciso registrar as lições aprendidas com o exercício de compreender o ódio a Paulo Freire sobre o ofício docente. Essas lições chamo de *inspirança*, que nada mais é uma palavra que expressa *inspiração* (gostaria de fazer mais coisas educativas como Paulo Freire fez) e *esperança* (tenho vontade de continuar esperançoso de que é possível outro mundo, mesmo sabendo que esse outro mundo possa estar apenas na utopia).

Essa *inspirança* me faz acreditar na docência como uma profissão que: (I) tem muito mais a ver com sonhar com outras realidades, mais afetivas e menos odientas, mais circunstancial e menos pragmático, mais humanizada e menos malvada; (II) pode se distanciar do pragmatismo que mata a utopia, tornando-se crítica e libertadora; e (III) o meio mais profícuo de manter acesso tal sonho é o diálogo, mas a conversação de fato, na qual todos se ensinam e todos aprendem.

Assim, as palavras finais do texto não são minhas, mas o sentimento é o mesmo: “se nada ficar destas páginas, algo pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé [...] na criação de um mundo em que seja menos difícil de amar” (FREIRE, 1987, p. 107).

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Editora ARS Poética, 1994.

BERNARDINO, F. M. A. *et al.* “Paulo Freire, pedagogia do oprimido e currículo”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 7, n. 20, 2021

BÉRUBÉ, M. “Experience”. *In*: BENNETT, T.; GROSSBERG, L.; MORRIS, M. (eds.) **New keywords: a revised vocabulary of culture and society**. Malden: Blackwell Publishing, 2005.

CARVALHO, O. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

CHOMSKY, N. **O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002.

CORTINA, A. **Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FORTUNATO, I. “2020 e a pandemia do ensino remoto”. **Revista Online de Política e Gestão Educacional**, vol. 25, n. 2, 2021.

FORTUNATO, I. “O relato de experiência como método de pesquisa educacional”. *In*: FORTUNATO, I.; SHIGUNOV NETO, A. (orgs.). **Método(s) de pesquisa em educação**. São Paulo: Editora Edições Hipótese, 2018.

FORTUNATO, I. **Educação, escola, direitos humanos, sociedade... e docência: a autoformação alvitrada**. Itapetininga: Editora Edições Hipótese, 2023.



FREIRE, P. “Carta de Paulo Freire aos professores”. **Revista Estudos Avançados**, vol. 15, n. 42, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

LAROSSA, J. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

LEFORT, C. “O que é Burocracia”. In: CARDOSO, F. H.; MARTINS, C. E. (orgs.). **Política e Sociedade**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979.

NEILL, A. S. **Um mestre contra o mundo**: o fracasso que floriu numa nova escola. São Paulo: IBRASA, 1978.

PORTO, M. R. S.; FORTUNATO, I. “Educar com Freire: uma prática utópica”. **Revista USP**, n. 135, 2022.

RESENDE, N. S.; MELO, P. E. “Escola e Covid-19: contribuições do pensamento de Paulo Freire e do construcionismo social”. In: SENHORAS, E. M. (org.). **Covid-19, pedagogia e o ambiente escolar**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

RODRIGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I. “Paulo Freire em la educación hoy, fascismo o paternalismo hipócrita; hablan las voces de Venezuela y Brasil”. **Revista HISTEDBR On-line**, vol. 22, 2022.

SANTOS, J. A. “Formação de professores: breve relação do conceito de diálogo de Paulo Freire com o dialogismo bakhtiniano”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 8, n. 28, 2022

SCHWARTZ, Y. “A Experiência é Formadora?”. **Revista Educação e Realidade**, vol. 35, n. 1, 2010.

SOUZA, J. “Prefácio: o remédio para o ódio contra os pobres”. In: CORTINA, A. (org.). **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 13 | Nº 37 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima